

Maria Flávia Figueiredo; Acir de Matos Gomes e Luana Ferraz, orgs. (2020); *Trajatória das paixões: uma retórica da alma*. Franca: Universidade de Franca; Grupo PARE, 580 pp. ISBN: 978-65-88194-07-2 (impresso); ISBN: 978-65-88194-08-9 (e-book).

A obra *Trajatória das paixões: uma retórica da alma*, lançada em 2020, é a terceira publicação do grupo Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE), com sede na Universidade de Franca, certificado no CNPQ em 2013 e composto por pesquisadores em diferentes níveis na carreira acadêmica. Trata-se de uma publicação coletiva, tendo como organizadores a profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo, líder do grupo PARE, o prof. Dr. Acir de Matos Gomes e a Dra. Luana Ferraz. Cada capítulo é assinado por um autor ou dupla de autores, entre doutores, doutorandos, mestres e mestrandos. O livro compõe-se de prefácio de autoria de Eduardo Lopes Pires –professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia, Brasil)–, apresentação de autoria de Valmir Ferreira dos Santos Júnior –doutorando em Linguística pela Universidade de Franca (São Paulo, Brasil)–, 22 capítulos analíticos e biografia dos autores.

O primeiro capítulo do livro, “Ampliação e aplicabilidade analítica da ‘trajetória das paixões’”, assinado por Maria Flávia Figueiredo, configura-se como embasamento teórico para cada um dos 21 capítulos subsequentes. Trata-se do apurado estudo sobre a obra de Aristóteles e sua contribuição acerca da Retórica. Figueiredo aprofunda-se, especificamente, na Retórica das paixões, fundamentando-se no conceito de Aristóteles sobre o processo argumentativo em que a persuasão se dá quando a paixão é despertada no auditório. Segundo elabora o filósofo, tal estímulo leva a uma mudança de julgamento, que, por sua vez, provoca uma ação. A partir dessa reflexão, a autora adiciona outros estágios condicionantes para o despertar da paixão, como a disposição e a identificação. O primeiro caracteriza a abertura do auditório para o que o orador quer dizer; o segundo, o reconhecimento, na fala do orador, do que o auditório traz consigo, suas lembranças, valores, percepções. A esse percurso denomina-se trajetória das paixões. Maria Flávia Figueiredo propõe, desse modo, uma ampliação da trajetória aristotélica das paixões, considerando mais elementos nesse caminho persuasivo passional, entre os quais ganharão destaque a memória, a imaginação e a fantasia, que abrem as portas para a identificação, bem como a deliberação, a escolha e a disposição, etapas que são impulsionadas pela mudança de julgamento, mas que são definidoras da ação, etapa final do ciclo persuasivo.

Todos entendemos que uma sociedade, para se manter organizada (*status* que alcançamos à custa de muitas conquistas), precisa defender pilares indispensáveis na sua estrutura. Um desses pilares compreende a esfera jurídica. Sem dúvida, a sociedade conseguiu estabelecer parâmetros de convivência entre as pessoas e, dessa forma, equilibrar diferenças. Estabelecer a justiça é entender o Direito como “uma ciência capaz de pacificar socialmente os conflitos de uma sociedade, por meio da aplicação das leis aos casos concretos” (p. 56). Tal aplicação de leis poderia acontecer de forma que não seja a mais lógica e desprovida de afetividade possível? No capítulo segundo, “O mover das paixões na sentença judicial”, os autores Acir de Matos Gomes, Gabriel Campos Frade Machado e Livia Furlan Telini analisam, a partir de uma sentença real, as possibilidades de um envolvimento passional desencadeadas pelos discursos proferidos no processo. Encontramos nas análises indicadores de que o juiz, ao defender a sentença, bem como a medida de sua aplicação, terá percorrido etapas constituintes do processo retórico persuasivo, etapas essas cunhadas por Figueiredo (2019) como componentes da trajetória das paixões. O texto consegue dar luz ao fato de que o juiz, pessoa com memória, inteligência e vontade, sujeito principalmente a identificações e associações, pode ser atingido em suas emoções e, com isso, experimentar paixões como a calma, a cólera e a indignação.

Todas as vezes que nos referimos à Retórica, vem à mente uma disputa entre interlocutores, às vezes acalorada, na busca do convencimento de uma das partes. Meyer (2007: 26) aponta nesse sentido ao referir-se a uma “negociação das distâncias”. Um dos pilares da Retórica, segundo Aristóteles, é o *Pathos*, que se refere ao auditório presente diante do orador. No segundo capítulo de *Trajectoria das paixões: uma retórica da alma*, percebemos que os analistas direcionam o olhar ao auditório particular visado pelo orador que, segundo Alves (2015: 119), “é aquele situado temporal e espacialmente, constituído por um grupo particular, delimitado” (p. 73). Sobre essa particularidade a autora ainda afirma que “ao dirigir sua argumentação a um auditório particular, o orador pode tomar crenças particulares, compartilhadas ao menos por membros daquele grupo, como pontos de partida da sua argumentação” (2015: 119) (p. 74). O terceiro capítulo, “Auditório particular, disponibilidade e identificação: aproximações entre processos retórico-identitários”, assinado por Alan Ribeiro Radi, tem como objeto de análise a mensagem do pastor Silas Malafaia contra campanhas publicitárias que apresentam relacionamentos homoafetivos. O autor discute como a disponibilidade e a identificação são despertadas

nesse contexto de discurso manifesto. São apontados elementos condicionantes para o processo identitário, como o conjunto de valores compartilhados pelo mesmo grupo. Conhecer essa rede de valores que unificam o auditório faz com que o orador tenha condições favoráveis para despertar as emoções no ouvinte e, com isso, possa angariar sua adesão.

O grande mérito do capítulo quarto, “No amor não existe medo: a trajetória das paixões no discurso do Papa João Paulo II”, de Ana Cláudia Ferreira da Silveira e Maria Sílvia Rodrigues-Alves, consiste na abordagem do discurso religioso considerando três grandes forças retóricas, quais sejam, as figuras linguísticas, a prosódia e a kinésica. Todos esses elementos amalgamados numa quarta força que é a própria pessoa de João Paulo II. As autoras evidenciam, num primeiro momento, como o auditório é envolvido pelo magnetismo do Sumo Pontífice, que, no contexto da Jornada Mundial da Juventude, em 1987, fala ao público católico do Chile. Seu discurso chega num momento de sofrimento do país, submerso na ditadura militar de Augusto Pinochet. O trecho objeto de análise compreende uma fala de 43 segundos em que o Papa conclama o auditório à esperança, como resposta ao medo e à insegurança instaurados pelo regime. A intensidade do discurso fica evidente na escolha de recursos linguísticos, como o paralelismo e a repetição, bem como de elementos não verbais, verificáveis nos âmbitos prosódico e kinésico. Todos esses recursos linguísticos e paralinguísticos imprimiram ao discurso do Papa João Paulo II a força retórica necessária para mover o auditório e despertar paixões como a esperança, em contraposição ao medo, e o amor, para suprimir o ódio e a vingança.

Assuntos de pautas de inúmeras reuniões acadêmicas, o planejamento, a sistematização e a aplicação do processo de ensino-aprendizagem têm sido objetos de estudos e avaliações de especialistas de diferentes áreas há bastante tempo. O que torna possível determinado professor atingir resultados satisfatórios com seus alunos enquanto outros enfrentam dificuldades? A dificuldade reside na formação prévia do corpo discente ou na formação atual do docente? São questionamentos que Ana Lúcia Magalhães traz no quinto capítulo, “Trajetória das paixões: uma aplicação pedagógica”, procurando dar respaldo a princípios milenares. A autora discorre, de forma clara, como todo processo de ensinar alguém implica, antes de tudo, conceitos que nos remetem à cultura grega, especificamente a Platão e Aristóteles, quando desenvolvem a ciência da argumentação e persuasão, a Retórica. Aristóteles não somente sistematizou os conceitos da Retórica no que tange ao processo de argumentar e persuadir, mas aprofundou este último. A persuasão implica a existência do outro. Esse outro (o auditório), quando atingido pelo

discurso do orador, se mostra favorável a ele. O capítulo apresenta a relação existente entre os resultados positivos de professor e alunos do ensino superior e a aplicação dos princípios da Retórica, de modo particular o despertar das paixões no auditório. O processo de ensino-aprendizagem que leva em conta a trajetória das paixões em suas diferentes etapas resulta em resultados otimizados. É o que se constata no capítulo da pesquisadora.

Durante a Segunda Grande Guerra, a ocupação nazista na Polônia deixou marcas indeléveis que chegam até os dias atuais. Sofia Zawistowk, uma polonesa acusada de contrabando e aprisionada com seus dois filhos em Auschwitz, foi protagonista de uma história que envolve amor e desprendimento. A narrativa da prisioneira, que teve de escolher entre os dois filhos qual deveria morrer, foi contada pela primeira vez em 1979 pelo escritor americano William Styron, em seu livro *Sophie Joyce (A escolha de Sofia)*. Mais tarde, a história foi levada às telas de cinema com a atriz Meryl Streep vivendo o papel de Sofia. “Uma escolha de Sofia: a trajetória das paixões no discurso de médicos da linha de frente da covid-19”, capítulo apresentado por Ananias Agostinho da Silva e Maria Flávia Figueiredo, discorre sobre os desdobramentos da pandemia que assolou todo o planeta, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Durante todo o ano de 2020 foram muitos os bombardeios de informações advindos de setores diversos ligados à saúde. A população se dividiu entre acreditar na gravidade da situação e nas medidas necessárias para conter o avanço do vírus e a possibilidade de continuar a vida normalmente e, com isso, minimizar as devidas proteções. Qual a relação entre o sofrimento de Sofia e a calamidade provocada pela covid-19? Os autores conseguem demonstrar, a partir de depoimentos de médicos ligados à linha de frente da covid-19, como foi possível verificar o despertar das paixões na população. Paixões como indignação, medo e compaixão vieram à tona diante da necessidade vivida pelos médicos de escolherem quais pacientes morreriam ou não.

Tendo como ponto de partida as impressões do que comumente se entende por linguagem, ou seja, como esta representa o mundo, Antônio Suárez Abreu afirma que, na verdade, a linguagem constrói a percepção que temos do mundo. Isto se dá “por meio de narrativas que têm valor persuasivo e servem de base para nossa tomada de decisões” (p. 167). Como podemos valorizar o potencial persuasivo das narrativas contidas no discurso, de forma a despertar paixões no auditório? “Imagens e figuras de construção na trajetória das paixões: aspectos cognitivos e funcionalidade retórica” discorre sobre algumas ferramentas linguísticas que potencializam os argumentos construídos, a saber, as figuras

retóricas. Dentre estas, as figuras de repetição assumem grande relevância. Para evidenciar a força dessas figuras, o autor cita Unkelback e Koch (2019: 1229): “à primeira vista, a simples repetição de uma informação não deveria alterar seu valor, não deveria aumentar sua validade, mudar sua veracidade ou aumentar sua influência sobre as pessoas. No entanto, simplesmente repetir uma informação aumenta sua verdade subjetiva” (p. 172). Em meio às figuras de repetição destacam-se a rima, a diácope e a sequência triádica. O autor apresenta também o uso das imagens para induzir processos heurísticos, isto é, “resolver um problema por meio de um atalho, fazendo analogia com uma experiência anterior” (p. 180). Alcançam relevo, nesse caso, o merisma, a comparação e a metáfora. O autor assim evidencia o valor das figuras e imagens na construção de uma atmosfera passional que leva o auditório à tomada de decisões.

A literatura tem sido, muitas vezes, um verdadeiro portal para outra realidade. Vislumbramos paisagens bucólicas de povoados isolados ou enfrentamos o ritmo frenético de metrópoles apinhadas de gente. Frequentemente somos cúmplices de sofrimentos amargos, bem como festejamos o êxtase da alegria. Daniela Rodrigues de Oliveira, em “Rasgar-se e remendar-se: uma *via crucis* das paixões em *Vidas Secas*”, capítulo oitavo, nos permite acompanhar o caminho, a via-crúcis (mencionada no título) de uma família do sertão brasileiro. A narrativa diz respeito à obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. O romancista brasileiro lança o leitor (auditório), juntamente com Fabiano, a esposa, os dois filhos e a cadelinha Baleia, numa trajetória permeada de sofrimentos, sonhos, desilusões e esperança. O capítulo de Oliveira consegue estabelecer as relações entre a trajetória da família no sertão e a trajetória das paixões, base teórica do livro ora resenhado. Todo o sofrimento de Fabiano e sua família provoca no leitor uma reação, um efeito, levando-o a identificar-se em maior ou menor grau com a tragédia familiar. A identificação, segundo Figueiredo (2020), é o gatilho para que as paixões sejam despertadas no auditório. Indignação, compaixão e medo são afecções que o auditório compartilha com o personagem da narrativa. Uma vez sobre o efeito das paixões, o auditório é impelido a mover-se, sair de determinado lugar, crença, ideologia, argumento, para outro.

É possível a identificação entre partes que se atacam? É possível afirmar que entre orador e auditório pode ocorrer um processo identitário, mesmo que intermediado por discursos antagônicos? O capítulo “É proibido proibir: a paixão do ódio como estratégia retórica” busca responder tal questionamento. Para isso, Delzio Marques Soares recorta um dos momentos memoráveis da música brasileira, o III Festival Internacional da

Canção Popular (FIC), promovido pela TV Globo em setembro de 1968. A década de 1960 foi marcada por acontecimentos que conduziam de forma contundente muitos segmentos da sociedade, como a política, a moda, a música, o comportamento. De modo particular, a música e a política formam o pano de fundo desse capítulo. O FIC aconteceu no momento em que o país passava pela ditadura militar após a deposição do presidente João Goulart, em 1964. Os festivais da canção se tornaram espaços de protesto contra o regime vigente. Concorrendo com a canção “É proibido proibir”, Caetano Veloso foi protagonista do momento mais polêmico do festival ao discursar de improviso para uma plateia furiosa, que anteriormente, por duas vezes, o havia hostilizado. O capítulo relaciona os efeitos do discurso de Caetano sobre a plateia com a trajetória das paixões. O orador consegue despertar a paixão do ódio no auditório. Apesar das aparências indicarem que Caetano não conseguiu lograr êxito, o que ocorre do ponto de vista retórico é que a plateia foi atingida em cheio em suas emoções e, conseqüentemente, marcada pelo momento.

“Ao compor uma canção, o compositor dá voz ao seu eu poético, que dará vazão à mensagem que deseja transmitir ao seu interlocutor” (p. 238). É assim que Farney Santos inicia o capítulo “Em busca de uma essência mais verdadeira: a trajetória das paixões na canção ‘perfume do invisível’” e já nos dá indícios dos caminhos que, dali em diante, exploraremos. Seu texto alerta-nos sobre uma mensagem que tem um destino: o interlocutor. Entre o emissor e o interlocutor existem, comumente, abismos quase intransponíveis que, por vezes, demandam necessárias pontes para serem atravessados. Nesse capítulo, encontramos essa ponte indicada na frase inicial: o eu poético. Por se tratar de uma análise tendo uma composição musical como objeto, fica evidente a força linguística dos versos. Trata-se da canção “Perfume do invisível”, de autoria de Maria do Céu Whitaker Poças, conhecida no meio artístico como Céu. A composição está presente no álbum de estúdio *Tropia*, de 2016. Santos consegue, com uma fluidez e simplicidade notável, demonstrar cada etapa da trajetória das paixões sendo atingida ao longo do texto musical. Para isso, faz-nos entrar em cada verso. A análise permite que o leitor acompanhe a trajetória quase que fazendo parte da poesia. Orador e auditório, contidos na composição, passam por uma transformação. Como indicado no título do capítulo, as paixões invisíveis exalam perfumes que levam os interlocutores a uma essência mais verdadeira.

Quando percorremos as ruas da cidade, somos atingidos por imagens, sons, odores etc. Porém, uma realidade impactante e contundente, e que pode atingir vários de nossos sentidos de uma vez, clama por atenção: a dos moradores de rua. A realidade das pessoas que vivem nessas condições nos impele a questionamentos como: Por que não buscam trabalho? O capítulo “As paixões dos vulneráveis: análise retórico-passional de relatos de pessoas em situação de rua” procura, à luz da retórica das paixões, chegar aos motivos que levam o morador de rua a definir sua vida dessa forma. Por meio de entrevistas com três moradores de rua, Gabriel Henrique Haddad consegue estabelecer alguns elementos comuns em suas falas e, com isso, elaborar uma relação com a trajetória das paixões de forma inversa. Partindo da ação, a decisão de morar na rua, foi possível chegar às paixões que desencadearam tal decisão e, por consequência, encontrar os motivos e experiências que funcionaram como gatilho para despertar essas paixões. Conforme conclui o autor, tais experiências foram vivenciadas num contexto anterior de identificação com traumas e sofrimentos.

Todos nós temos, guardadas em nossas lembranças, histórias contadas por nossos pais, avós, ou seja, fomos de alguma forma marcados pela experiência dessa “viagem”. No decorrer da evolução humana, encontramos traços que foram fundamentais para definir a nossa capacidade de comunicação. A tradição oral está na gênese desse processo. Ao verbalizar suas experiências, o homem não somente conseguiu organizá-las, mas também as assimilou de forma cognitiva. O segundo momento desse processo envolve as relações sociais; quando essas experiências são transmitidas para o outro, ocorre o fenômeno comunicacional. Por vezes, uma pessoa é capaz de vivenciar uma experiência de forma sensitiva, sentindo medo, angústia, alegria, mesmo que pessoalmente não tenha enfrentado a origem dessas emoções. Trata-se das narrativas, histórias contadas de um para o outro. O capítulo de Giovanni Aurélio de Brito, “*Storytelling*: a força da narrativa cognitiva na trajetória das paixões”, ocupa-se do *storytelling*, ou seja, da capacidade de envolver o outro na contação de histórias. Uma preciosa ferramenta comunicacional, o *storytelling* está presente em grande parte dos processos persuasivos. Áreas como jornalismo, propaganda e marketing, cinema e design dependem de como uma história bem contada é capaz de envolver o auditório/ouvinte/telespectador/leitor numa verdadeira experiência emocional. E, como pontua Aristóteles, o que emociona muda o julgamento. O autor faz uma relação entre *storytelling* e a trajetória das paixões e destaca a similaridade dos percursos pelos quais passa o auditório.

Diante da acusação que resultaria em sentença de morte, o que teria a dizer o réu? Pedido veemente por clemência, negação inflamada das acusações seriam, talvez, as mais prováveis declarações de defesa. Quando esse hipotético réu se trata do filósofo grego Sócrates, os desdobramentos são ainda mais contundentes. Letícia Machel Lovo discorre em “A impermanência das emoções: Sócrates e a trajetória das paixões”, não sobre algo hipotético, mas sobre o discurso de Sócrates diante de 501 atenienses, proferido no julgamento que o condenaria à cicuta em 399 a.C. Tal narrativa é descrita por Platão, seu discípulo, admirador e amigo desde a juventude, em *Apologia de Sócrates*. Na análise da autora, Sócrates consegue, com seu discurso, estabelecer uma ponte para que seu auditório percorra cada etapa da trajetória das paixões, mesmo que a mudança de julgamento dos acusadores não tenha resultado em sua absolvição. Sobre os princípios que fundamentam a fala do filósofo a autora conclui:

Após tomar ciência de que seu destino seria a morte, conduzido pelas paixões, proferiu um discurso sensível ao seu modo de enxergar a vida. Não recusou aos seus ideais e, mesmo considerando injustas todas as acusações, ponderou ser justo morrer em nome da legitimidade de sua conduta até ali. (p. 315)

O caminho percorrido pela humanidade ao longo dos séculos sempre esteve ligado de uma forma ou de outra ao transcendente. O homem, diante da incapacidade de entender e, muito menos, compreender os fenômenos da natureza, se dobrava ao que entendia ser uma força sobrenatural e a origem de tais fenômenos. Aos deuses era atribuído tudo aquilo com o que a humanidade não conseguiria lidar, mesmo com o uso pleno de suas capacidades. Por vezes eram ofertados sacrifícios diante de uma calamidade, no intuito de aplacar a ira das divindades ou de sensibilizá-las a seu favor. O contexto em que se insere “Fé passional: a trajetória das paixões no mito da criação” remete à experiência de fé do povo judeu, precisamente ao relato judaico-cristão da criação no livro do Gênesis, o primeiro das sagradas escrituras da Bíblia. À luz da retórica das paixões, postulada por Aristóteles, e da trajetória das paixões, proposta por Figueiredo (2018, 2019), Luan Marques Domingues e Valmir Ferreira dos Santos Junior abordam como as paixões da calma, da confiança, do medo e do amor são despertadas ao longo da narrativa da criação. O povo de Israel, auditório original do livro do Gênesis, é impelido à fé no único Deus, Javé, o criador de tudo que existe.

Luana Ferraz aborda, no capítulo décimo quinto, “O humor no púlpito e o despertar da confiança”, a relevância do humor no processo argumentativo. O texto comprova que seu uso cria uma aproximação entre interlocutores, o que o torna uma estratégia capaz de

desarmar o auditório, de forma que se converta em um terreno fértil para o orador. O riso provoca o bem-estar, gera disponibilidade e, muitas vezes, confiança, a peça-chave na relação orador/auditório. A particularidade do presente capítulo está na referência ao humor como estratégia argumentativa no discurso religioso, o que não é uma tarefa fácil, como pontua a autora: “a transmissão de saberes e/ou regras de bons costumes não costuma ser, no entanto, tarefa das mais divertidas. O conteúdo sério frequentemente dá ao discurso religioso um aspecto austero e ajuizado.” (p. 336). O discurso religioso objeto de estudo em questão trata-se da pregação proferida por Padre Léo, sacerdote católico ligado à Renovação Carismática Católica, na ocasião do Retiro de Carnaval de 2004, na sede da Canção Nova, em Cachoeira Paulista, São Paulo. De toda pregação, com duração de uma hora e com o tema “confiar em Deus”, o capítulo analisa um trecho de 12 minutos, em que o sacerdote narra sua experiência na realização de uma colonoscopia. Padre Léo consegue, através de sua fala e gestos, criar uma atmosfera de identificação, despertando no auditório emoções como compaixão e confiança, bem como a esperança, ponto central do tema da pregação.

Em “A trajetória das paixões na parábola do filho pródigo”, de Luiz Alves de Souza, adentramos o impactante e denso universo da narrativa bíblica. Durante séculos, a humanidade tem se pautado nas indicações e admoestações que permeiam sagas de povos, conquistas de reinos, dramas pessoais e familiares. Retirado do Evangelho de Lucas, o texto objeto de análise relata justamente o drama pessoal do filho mais novo que reivindica sua herança ao pai. A parábola do filho pródigo está inserida num contexto em que o evangelista Lucas reúne os discursos de Jesus sobre a misericórdia. À luz do postulado aristotélico sobre a Retórica, especificamente no que concerne ao *Pathos*, o autor avalia como os diferentes auditórios são modificados pelas paixões. No primeiro momento, acompanhamos como o evangelista Lucas reage emocionalmente ao discurso do próprio Jesus, e, posteriormente, como a primitiva comunidade cristã recebe o Evangelho de Lucas. No contexto da narrativa, é possível vislumbrar o percurso das paixões em que os personagens estão envolvidos: o filho mais novo, de forma mais contundente e intensa, assim como o filho mais velho. A parábola do filho pródigo vem ao longo do tempo falando a vários auditórios e chega a nós nesse artigo, buscando atingir e despertar a paixão necessária, capaz, segundo Aristóteles, de provocar uma mudança de julgamento.

Conforme mencionamos anteriormente, no ano de 2020, todo o planeta foi assolado pela propagação da covid-19. O termo assolado vai além das implicações sanitárias que

um vírus em dimensões pandêmicas pode ocasionar. O isolamento social foi capaz de alterar costumes, interferir em culturas diversas. Fomos obrigados a nos reinventar no trabalho, na família, no lazer, nas devoções e, principalmente, na educação. No convívio social enfrentamos um desafio enorme e perigoso: pessoas obrigadas a conviver muito mais tempo juntas do que de costume. Desse convívio muitas vezes surgiram conflitos, desavenças e, infelizmente, abusos. Esse é o tema da campanha publicitária *Call*, promovida pelo Instituto Maria da Penha e analisada por Mariana Ferreira Santos e Acir de Matos Gomes no capítulo dezessete, “A força do Pathos e sua trajetória na campanha ‘call’”. A campanha objetiva o fortalecimento da luta contra a violência sofrida pelas mulheres no contexto da pandemia. Os autores conseguem levar o leitor a uma experiência intrigante e até perturbadora, como a que vive a protagonista da peça publicitária. À luz do capítulo de embasamento teórico, é possível acompanhar cada etapa da trajetória das paixões nos diferentes momentos da narrativa. Tanto personagem quanto leitor são atingidos em suas emoções e julgamentos.

“Onde há percepção, há também dor e prazer e, onde estes existem, há necessariamente desejo” (p. 429). Com essa epígrafe de Aristóteles em *Da Alma*, Pedro Luiz Rodarte Gulke situa a natureza do capítulo “De olho em Aquino: como a percepção provoca paixões”. Todos nós, ao longo dos séculos, temos sido marcados em maior ou menor grau pelas reflexões de Aristóteles acerca dos mecanismos envolvidos pela Retórica, de modo particular, a retórica das paixões. Porém, se Aristóteles chegou até a contemporaneidade com vigor e lucidez, se deve em grande parte a São Tomás de Aquino. Sobre a influência de Aquino comenta Lobardo (2011: 1):

O livro II da *Retórica* de Aristóteles apresenta a mais longa discussão sustentada em sua época, sobre as paixões, sendo destronada somente um milênio e meio depois pelo Tratado de São Tomás de Aquino. Escrito em 1271, o Tratado do doutor Angélico não só é mais longo do que o livro do filósofo, mas também é mais sistemático. (p. 431)

O capítulo de Gulke apresenta as contribuições de Aquino no que tange às emoções, explicitando a estrutura operativa dos sentidos internos e suas funções, quais sejam, o sentido comum, o imaginativo, o estimativo e o memorativo. Finalmente, analisa, com o aparato da Retórica aristotélica e com o contributo tomista acerca das paixões da alma, o pronunciamento do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, sobre o novo coronavírus.

Todos conhecemos os efeitos de campanhas publicitárias, pois regularmente somos impelidos às compras, viagens etc. O que uma grande parte dos consumidores não se dá

conta é que por detrás das campanhas existe um engenhoso mecanismo que envolve discurso, formas, cores, sons, muito bem orquestrado, com uma sinfonia, em que cada instrumento tem seu momento e eficácia. E ainda mais. Poderíamos nos arriscar a dizer que o postulado aristotélico comanda o show até os dias atuais. Sem dúvida, as contribuições de pensadores modernos como Perelman, Olbrechts-Tyteca, Meyer, entre outros, definiram a nova Retórica, que fala ao homem moderno. Tudo que se faz hoje no campo publicitário, por exemplo, está fundamentado em princípios da Retórica. Neste capítulo, “Acreditar é o que nos move: paixões do amor e da confiança como elementos de persuasão em um filme publicitário”, Priscila Antunes de Souza conduz o leitor para que este perceba os diversos “discursos” presentes em um filme publicitário, especificamente na animação *Acreditar é o que nos move*, promovida pela empresa LG-lugar de gente. Tendo como pano de fundo temas sensíveis como minoria e diversidade funcional, a narrativa traz cores, formas, elementos precisamente amarrados pela música. Constrói, assim, uma atmosfera persuasiva capaz de atingir o auditório em seu íntimo passional.

O objeto de estudo do capítulo seguinte escancara uma triste realidade vivida pela sociedade moderna. A violência urbana, caracterizada por ataques a grupos vulneráveis, e depredações de propriedades públicas e particulares são sinais de enfermidades, distúrbios que denotam o quão fragilizados estamos. Quando constatamos o degradante cenário citado anteriormente, amiúde fazemos juízos apressados sobre as possíveis causas, principalmente quando nos referimos a pessoas. Assassino, ladrão, sem vergonha, pilantra, vagabundo são adjetivos que rapidamente encontram seu alvo. A importância desse capítulo é desvelar, a partir da análise da película *Coringa (Joker, 2019)*, como as pessoas carregam guardadas, às vezes trancadas à chave, experiências de sofrimento tão contundentes que as transformam em bombas-relógio. Calcado na Retórica e na trajetória das paixões, “Análise do filme *Coringa* sob a perspectiva da trajetória das paixões”, de Sirlene Aparecida Pessalacia Barretto, demonstra o violento percurso passional pelo qual passa o personagem Arthur Fleck. O assassino Coringa o espera no fim desse percurso. As paixões nos movem, para o bem ou para o mal. Eis a fragilidade do homem.

Ticiano Jardim Pimenta aborda, em “O *Pathos* e os degenerados: Rita Von Hunty e o despertar da paixão do amor”, as questões relacionadas às diferentes posições pessoais no âmbito afetivo-sexual e destaca a rivalidade que, em algumas ocasiões, constrói um ambiente polarizado de julgamentos e hostilidades. Ao longo do capítulo, o leitor se depara com vários autores que fazem uma leitura dessa realidade sob uma ótica

sociocomportamental. Apoiando-se nas bases da teoria retórica aristotélica, bem como na proposta de Figueiredo sobre a trajetória das paixões, o autor faz uma análise retórica do vídeo da *drag queen* Rita Von Hunty. Tal análise objetiva destacar quais paixões a oradora consegue despertar em seu auditório, vislumbrar o processo persuasivo pelo qual passam seus ouvintes, ou seja, etapas como a disponibilidade, identificação, despertar das paixões, mudança de julgamento e, finalmente, a ação.

“Como a música nos faz sentir vivos”, é assim que Valmir Ferreira dos Santos Junior intitula o último capítulo da obra (*How music makes us feel ‘alive’: a pathways of passion analysis*) e também aponta a composição musical como uma seara favorável à análise das paixões. Já no título é possível perceber o poder da linguagem: a palavra *alive* trata-se justamente do nome da canção objeto de análise, composição da cantora australiana Sia Furler. Esse capítulo inicialmente discorre sobre os efeitos que a música exerce sobre as pessoas, destacando cada um de seus elementos, como melodia e letra. A particularidade de cada elemento influencia o modo como somos afetados pela composição. Por um lado, percebemos significados pela letra e chegamos à emoção, por outro, ficamos emocionados pela melodia que nos leva a significações, pondera o autor. Como nos capítulos precedentes, a análise da composição “*Alive*” é ancorada nos princípios da Retórica, assim como nas etapas que compõem a trajetória das Paixões elaborada por Figueiredo. A letra e a música de *Alive* são capazes de despertar paixões no ouvinte. Movimentos na alma, persuasão. É o que demonstra o capítulo.

Aristóteles tem sido, ao longo dos séculos, referência no caminho percorrido pela humanidade diante das questões existenciais. Especificamente no campo da linguagem, lançou luz sobre o complexo processo persuasivo entre interlocutores. A Retórica das paixões definiu bases para ciências como psicologia, psicanálise e direito, deixando aberta uma estrada para muitos pesquisadores. A obra, objeto desta resenha, é fruto dos passeios por esse caminho. A “trajectoria das paixões” de Figueiredo se firma cada vez mais como uma belíssima paisagem que se descortina na longa da estrada da reflexão aristotélica.

BIBLIOGRAFIA

FIGUEIREDO, Maria Flávia (2019); “A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo”, en *Sinergia (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo)*, vol. 20, Edição Especial – Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, pp. 6-17.

FIGUEIREDO, Maria Flávia (2018); “A retórica das paixões revisitada”, en C. de Araújo Beraldo Ludovice; A. M. Pacífico Manfrim; Maria Flávia Figueiredo (orgs.), *O texto: corpo, voz e linguagem*. Franca: Universidade de Franca, pp. 141-158.

MEYER, Michel (2007); *A retórica*, trad. de Marli M. Peres. São Paulo: Ática.

Luciano Andrade de Sousa
Universidade de Franca
(Brasil)
luizanferreira@terra.com.br